

# O HERALDO

BI-SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRETORES E PROPRIETARIOS:—LYSTER FRANCO E JOÃO PEDRO DE SOUSA

Administrador,—J. P. Sousa—Editor,—L. Franco

Publica-se ás quartas e sábados

Redação, administração, composição e impressão

Tipografia Democratica, Rua 1.º de Dezembro — FARO

ASSINATURAS:—Trimestre 500 réis — COMUNICADOS E ANÚNCIOS:—Cada linha 20 réis. Para a 1.ª e 2.ª pagina contrato especial. Publicam-se todas as informações de interesse geral.

## ATUALIDADES

### A FESTA DA ARVORE

Nesta capital de distrito realiza-se amanhã uma das festas de mais alta significação cívica do nosso tempo: a festa da arvore.

Sorridente, acompanhado pelos seus mestres e professores, o bando gárrulo das creanças das escolas atravessará em vistoso cortejo as ruas da cidade, para em seguida ir ao jardim Vasco da Gama, onde plantará quatro arvores: uma alfarrobeira, uma laranjeira, uma romanzeira e uma amendoeira.

A festa é simples mas significativa, e maior nos parecerá o seu objetivo se, desviando um pouco a nossa curiosidade desse formalismo banal em que entre nós portugueses, sempre espetaculosos, caiu esta festa, atentarmos um momento na grande simbologia epica dessas quatro arvores, que amanhã vão ser plantadas pelas creanças das escolas da cidade de Faro.

Ponhamos de parte o belo e imprevisível efeito que o cortejo, como em todos aqueles em que predomina o elemento infantil, ha-de oferecer-nos; não nos ocupemos de fantasiar os discursos mais ou menos burilados dos oradores; não nos preparemos sequer para anotar o quê de vasio e incongruente possam conter em si, porque, sem desprimor para quem quer que seja, a vacuidade e a incongruência são, por mal de nós todos, as primicias qualidades da oratoria contemporânea; deixemos todo esse tumultuar cerimonioso e ritual de praxes e pragmaticas, e atentemos no passado historico e fabuloso dessas arvores que as creanças vão plantar.

Todas elas ocupam logares primicias na grandiosa epopeia das arvores, nessa grande lenda que é de todos os tempos e de todos os povos e que procede da mais remota antiguidade até aos nossos dias.

A amendoeira, cuja floração de maravilhoso efeito como que nos lembra o repouso de um bando de lindas falcões de azas setineas, a amendoeira, venerada outrora pelos hebreus, que a consideravam como o simbolo da vigilância, por ser a primeira arvore que com as suas flores candidas nos anuncia a chegada da primavera, tem a sua historia ligada a feitos notabilissimos, que vão desde as gloriosas façanhas dos cavaleiros andantes, que a tomavam por simbolo, até ás lutas surpreendentes dos heroes japonezes com os dragões alados do seu paiz.

Nas amendoeiras de fruto amargo simbolisavam os gregos as amarguras da existencia...

Mas falemos da romanzeira, que figura na lenda como nascida do sangue de Adgestis.

Pelo grande numero de bagos que contém, a romã simbolisa a fecundidade e a riqueza.

Pausanias, depois de dizer que

Juno trazia sempre na mão uma romã, declara que não deseja rasgar o veo do misterio que se oculta sobre este fruto eminentemente simbolico.

E' muito curiosa e triste a lenda mais remota que se conhece da romanzeira:

Um homem, tendo perdido a esposa, enamorou-se da propria filha, Side, palavra que significa romã.

Para escapar a tão afrontosa perseguição, a joven suicidou-se; os deuses compadeceram-se da infeliz, e transformaram-na em romanzeira.

Por castigo, seu pae foi transformado em gavião e ahi está porque, segundo Opiano, o gavião não poisa sobre a romanzeira...

A comprovar a alta simbologia da romã, basta lembrar que não falta quem pretenda que foi com romãs e não com maçãs que a linda Eva seduziu Adão e que era uma romã e não uma maçã o fruto que Paris ofereceu ás tres deusas...

Na Turquia, as noivas, para saberem quantos filhos terão, costumam arremear uma romã ao sólo e contar o numero dos bagos que saltam.

Na linguagem internacional das flores, a flor da romanzeira representa o amor mais ardente, o afeto mais terno e apaixonado.

Quanto ás laranjeiras bastará lembrar que tão identificadas elas estão com o nosso paiz, que muitos povos as conhecem com um nome quasi identico á palavra Portugal; assim, os piemontezes chamam-lhes *portogalloti*, os gregos *portogalea*, os albanezes *protokale*, os kurdos *portogal*, etc.

Diz a lenda que foi neste rincão occidental da Europa, que Hercules encontrou o famoso jardim das Hespérides, onde existiam as arvores de pomos de ouro, isto é, ás laranjeiras.

O jesuita Le Conte, que viveu durante muitos anos na China, fornece-nos esta curiosa informação nas suas *Novas memorias acerca do estado atual da China*. Paris, 1697-1.º I. pag. 173.

«As laranjas dizem-se da China porque as primeiras que vimos vieram deste paiz, e a veneranda laranjeira de que descendem todas as que existem na Europa; conserva-se ainda na quinta do conde de S. Lourenço, em Lisboa.»

E' aos portugueses que devemos a divulgação deste excelente fruto.

Apezar destas informações de Le Conte, as *mala-aurantia* (em italiano, melarancia) foram, segundo a fabula, trazidas á Italia pelas proprias Hespérides, Aglae, Aretusa e Hipertusa, guiadas por Apolo e conduzidas por Netuno e pelos tritões...

Quanto á alfarrobeira, arvore biblica que pode figurar ao lado da palmeira e da figueira, para enal-

tecer a sua fama, basta que se diga que os alemães acreditam que os seus irutós serviram de repasto ao precursor do Messias durante a sua permanencia no deserto.

Chamam-lhe por isso *Johannis-brod* (pão de S. João.)

Na alfarrobeira, nessa arvore de um tão belo aspecto pintoresco, nessa arvore utilissima, de troncos rugosos e fortes, cuja opulenta greinha ensombra por toda a parte este jardim florido chamado Algarve, nessa arvore que tanto produz, que tanto rende, sem dispendios nem canceiras para os seus possuidores, ha um grande simbolismo a considerar.

Assim, produzindo sempre e sem que a mão carinhosa e perita do silvicultor lhe dispense os seus cuidados, a alfarrobeira é bem o simbolo deste bom povo algarvio, que trabalha, que produz, que intensifica a sua vitalidade por varios modos, mas sempre sem o auxilio dos governos, sem a proteção dos poderes centrais, que, quando muito, o mais que sabem fazer é contrariar-lo nas suas mais justas aspirações e prejudica-lo nos seus mais caros interesses...

Mas esqueçamos infortunios e terminemos este artigo com as palavras de Norberto Pressac de la Chassignaie, o primeiro plantador da chamada *arvore da Liberdade*, e apliquemo-las ao nosso paiz:

Oxalá, creanças, que junto dessas arvores que ides plantar, vos recordeis sempre de que sois portugueses, e que na vossa velhice saibais lembrar a vossos filhos a epoca memoravel em que as plantastes.

LYSTER FRANCO.

#### CANCIONEIRO DO POVO

Na rua do meu amor  
Não se pode namorar;  
De dia velhas á porta,  
De noite cães a ladrar.

Amor com amor se paga,  
Porque não pagas, amor?  
Olha que Deus não perdoa  
A quem é mau pagador.

Oh que janela tão alta,  
Mais alto vai meu intento;  
Quem me dara pôr os olhos  
Onde tenho o pensamento!

#### NOTAS E COMENTARIOS

##### Verdades

Do testamento de um sujeito que passou toda a sua vida por tolo:  
«Em amor duvida; em politica desconfia, em virtude não creias sem provas... Nas mulheres, procura a beleza no seu porte, e não no seu rosto...»

Não te envaldeças com o dinheiro que tens; gosa com o que gastaste... Nos palacios todos são escravos... Ama e procura a paz na tua alma, na tua familia, no teu povo e no teu paiz... Já fiz 81 anos e chamam-me tolo; tenho visto padecer e morrer muitos espertos... Aos 22 anos conheci que na comedia do mundo, o tolo não precisa pedir; se representarem bem o seu papel, é o que melhor sae de todas as emprezas; ignoro se o desempenhoi bem ou mal; mas durante 62 anos, ri-me dos que pensavam rir-se de mim; disfrutei mais liberdade do que os outros, e jamais causei suspeitas a maridos, a amigos, ao governo, e á inquisição, e se tornasse a nascer, a primeira cousa que pediria á minha mãe, era que me alcunhassem de tolo desde o berço.»

#### Mr. de La Palisse

Aqui va' um trecho seletto da *Republica* no seu substancioso editorial intitulado *Porquê?*...

«As Republicas traduzem em materia de Liberdade os impulsos instintivos que as servem.»

São liberaes as que são mantidas por espiritos liberaes, reacionarias as que vivem esmagadas sob a oppressão dos tiranos.

E' que ninguém nasce monarchico, republicano ou socialista; como ninguém nasce medico ou advogado.»

Brilhantissimas conclusões não ha duvida. Calino não as formularia com mais acerto.

O peor da festa é que toda a gente sabe que com o sr. Antonio José de Almeida teriamos uma republica monarchica e que, se é certo que se não nasce nem republicano nem monarchico, também é certo que não faltam grandes tribunos a proceder por tal forma, que até nos chega a parecer impossivel que tivessem sido propagandistas da Republica.

#### Feminismo

Organizou-se no parlamento francez um novo grupo—chama-se *Grupo feminino*.

Mas não se compõe de mulheres; porque na França as mulheres são inelegiveis. E' composto só de deputados do sexo forte, que, resuscitando prosaicamente os tempos da cavalaria andante, se declararam paladinos do belo sexo e vão lutar por ele, não de lança em risie e escudo no braço, mas com primorosos discursos, propostas e votos.

O programa é defender os direitos civis da mulher. O grupo já tem 18 deputados capazes de lutar muito decididamente, e mais nove que sympathizam abertamente com a causa. Nos tempos que vão correndo, em que os partidos tanto se fracionam, um grupo de 27 já vale muito e tem seus direitos a um representante no ministerio.

#### Ena pac!

Depois de tantas e tantas sessões do Congresso, inutilmente gastas em retoricadas batofas e oposições sistematicas, o dr. Antonio José de Almeida teve a extraordinaria ideia de querer que por todo o mez corrente o governo, faça entrar em execução o colligo administrativo e a lei eleitoral e dê ensejo a que se discutam a lei da separação e o orçamento geral do Estado.

Que belo patriota me saiu este dr. Antonio José de Almeida, ele que tanta coisa quer e nada tem feito nem deixado fazer no parlamento!

#### Boas medidas

Acaba de se organizar nos Estados Unidos da America uma companhia de seguros muito original, mas que em poucos dias obteve um enorme numero de subscriptores. A nova companhia dedica-se unicamente a seguros... contra o celibato. As subscriptoras pagam uma quota anual em relação á idade que tem quando se inscrevem, á similitude do que se faz nas companhias de seguros de vida. Chegadas aos quarenta annos, que é a idade fatal em que os estatutos da companhia consideram as 'socias' passadas á categoria de *solteironas*, recebem uma quantia proporcional á quota com que subscriveram. Se casarem antes desse prazo, perdem as quotas pagas, em beneficio da sociedade.

Esta ideia deve dar otimo resultado na America, onde a população feminina é muito maior do que a masculina. Só no estado de New York, o ultimo recenseamento da população acusa mais 600 mil mulheres do que homens.

#### Os grandes homens

No dia 2 de fevereiro, completou setenta e tres annos de idade Augusto Babel, venerando chefe do partido socialista alemão.

Augusto Babel nasceu em 1840, nas casas-maais da fortaleza de Deutz Koeln, onde seu pae era sargento. Ficando órfão, percorreu a Alemanha, aprendendo o officio de torneador em madeira.

Em 1860 encontrava-se em Leipzig, onde entrou na vida militante do socialismo.

Augusto Babel era então um discipulo querido de Karl Marx.

### Faça-se justiça!!!

Sempre desejosos de concorrer quanto em nossas forças esteja, no sentido de realçar e impor a todo o respeito os bons principios da moralidade governativa e da justiça dos homens, continuamos hoje a apresentar aos nossos prezados leitores o que julgamos tão conveniente para se fazer um rigoroso conceito da lastimavel situação em que o *excessos de zelo* dos governantes colocou a ilustre professora sr.ª D. Inacia Ludovina Anes Baganha.

São do nosso colega *Distrito de Faro* as seguintes palavras, que muito gostosamente reproduzimos:

«Ainda como preambulo da nossa critica á tão impensada como deploravel deliberação da comissão municipal administrativa de Faro, que visou a extinguir o curso noturno pelo metodo João de Deus e a ter para com a distinctissima professora que o regia, um tratamento menos primoroso e de todo o ponto imerecido, reproduzimos a seguinte correspondencia que deve constar do arquivo da sub-inspecção escolar deste distrito:

Ex.ª Sr.ª.—Sabendo, ha muito, dos doctes intelctuaes e pedagogicos que exultam no espirito de v. ex.ª, porque o seu nome é vantajosamente conhecido por quantos tem lidado e lidam na cruzada do ensino, onde já luto ha perto de quarenta annos; sabendo, mais, quanto v. ex.ª conhece a fundo o luminoso metodo do dr. João de Deus, cujas lições recebeu do bem conhecido escritor e homem de letras sr. Anes Baganha, a quem João de Deus, em publico e pela imprensa, citou elogiosamente como um dos poucos autorizados para o substituir a ele, autor, no ensino desse metodo; não ignorando por igual o amor que pela sua divulgação v. ex.ª possui e de que tem dado sobejas provas, ouso vir pedir a v. ex.ª uma subilida fineza.

Desejo, pela minha posição official, pelo amor que ao metodo tambem professo, pelo fato de exercer um cargo no Algarve—e ser este o torrão natal do grande pedagogista, e, finalmente, para corresponder desde já aos desejos, que me consta a classe artistica desta cidade tem demonstrado, de que se estabelecesse um curso noturno por aquelle metodo e por v. ex.ª prelecionado, ambicionava, repito, dever a v. ex.ª o alto favor de auxiliar este empenho, dignando-se em sua casa dar neste inverno algumas preleções, sem retribuição, pelo metodo João de Deus, ás pessoas da classe artistica que porventura as queiram ouvir.

Mas receio que o incomodo para uma dama de não robusta saude seja muito; e assim, se me atrevo a fazer o pedido, acompanha-me a duvida de com ele ir causar a v. ex.ª grave transtorno. Por isso, na hipotesis de v. ex.ª aquiescer á ideia geral do meu pedido, deixo á sua discreção a escolha dos dias, horas e tempo de duração das preleções.

Ao governo de sua majestade, por intermedio do meu legitimo superior, participarei, não só a natureza do seu pedido, mas o acolhimento benevolente que, espero, ele terá e que desde já tenho a hora de agradecer a v. ex.ª.

Deus guarde a v. ex.ª.—Sub-inspecção do circulo escolar de Faro, em 27 de outubro de 1903.—Ex.ª Sr.ª D. Inacia Anes Baganha Leal, dignissima professora da escola de habilitação para o magisterio primario de Faro.—O sub-inspector, Henrique Augusto da Cunha Soares Freire.

Il.ª e ex.ª sr. sub-inspector do circulo escolar de Faro.—Cabe-me a honra de agradecer a v. ex.ª o officio, sob o numero oitenta, com que lhe aprouve distinguirme.

Permita-me v. ex.ª que, descontentando quanto de mim se digna dizer, eu só aceite e isso com algum orgulho, permita-se-me confessar, o entusiasmo que pelo metodo de João de Deus professo; entusiasmo a que eu devo o estudo minucioso que dele fiz. Sob este aspecto, eu não posso, apezar da minha debil saude, deixar de aceitar com alacridade o convite de v. ex.ª; tanto mais que o fato vai reflectir-se na classe artistica, que muito prezo e que sempre tenho desejado auxiliar.

De acordo com meu marido, ofereço a v. ex.ª casa, mobilia, luz e tudo que for preciso para a realização do empenho de v. ex.ª. Quanto aos dias de preleções e dura-

OUTRA CARTA

Seria irrisoria, se não fosse degradante, uma das atoardas que se lançaram para me confundir na questão que ventilei nas minhas cartas anteriores, sem ter a dita de que me viessem contraditar. Ainda e uma vez mais eu chamo a atenção do publico que me lê, para bem ajuizar do desbragamento das almas ruins que não tem pejo de mentir e querem impor a mentira como base da sua odienta argumentação. Vamos ao assunto que bem denota a perversão de sentimentos, dando á questão o cunho da mais lorpá orientação, tomada por quem não tem senso, nem conhecimentos para se deter nas justas proporções do razoavel.

Visado o fim, qualquer mentecapto se supõe com aura para o atingir, muito embora os meios, á face de quem ouve, vê e comprehende, sejam dos mais torpes e desastrosos. Pretende agora o sr. Domingos José Soares demonstrar que a D. Maria Caetano de Brito Gil, ao fazer o testamento, não tinha completas as suas faculdades. Quer dizer, a essa senhora, não tendo o juizo, faltava-lhe, ipso facto, a capacidade para outorgar, para testar.

Estulta lembrança, caluniosa invenção! Nunca em vida algum ousou contestar que ela estivesse em seu juizo perfeito, sendo sempre senhora da sua plena vontade. Foi preciso ela morrer, para um seu inimigo, e demais a mais com a premeditação que a seu tempo se demonstrará, viesse espanejar-se e dizer o que por dignidade jamais deveria inventar. O que vale, porém, é que mais facil se torna vomitar uma sandice, do que demonstrar-la.

Pôde o sr. Soares chamar em seu abono qualquer parceiro das suas antigas proezas, que nem por isso a verdade deixará de sempre aflorar, para que os homens dignos e honrados possam bem aprehe-la e ajuizar de quem usou da maior e mais correta lisura.

A D. Maria Caetano de Brito Gil era uma senhora bondosissima, tinha, como soe dizer-se, o coração nas mãos para o patentear a todas as pessoas que se lhe acercavam e que eram muitas. Mas nem por isso deixava fazer o ninho atraz da orelha. O sr. Soares, pensando como pensa, teve a grande infelicidade de o reconhecer. Não lhe serviu a experiencia, e agora ainda pretende iludir-se. Pois terá ainda mais essa ilusão que é, como tantas outras, de um despetitado. Se algum o insensa, reconhecerá por fim que o insenso se esvae, para só então cair na fria realidade das coisas. Ameaçar a D. Maria Caetano de Brito Gil de que traria questões com os herdeiros, e vir agora de fato levantá-las, servindo-se de tão maus argumentos, é por certo collocar-se mal ante quem o não conhecia ainda, se por acaso algum o não conhecia. Mas... adiante, porque não pretendo de modo algum atacar, antes e sempre nos desejaremos conservar na defensiva.

Varios fatos, tanto de ordem official ou publica, como de natureza particular, estão a atestar que a D. Maria Caetano de Brito Gil tinha integras as suas faculdades. Sem que nos atenhamos aos fatos de ordem particular, diremos o que se sabe quanto á sua intervenção em questões de maior notoriedade. Varios documentos publicos o atestam e prazer temos em nos referir a eles para se ver quão aleivosa é a tal atoarda, que pretende negar á D. Maria Caetano de Brito Gil o que em vida ninguém lhe negou. Relatemo-lhe por ordem:

1.º Escritura de partilhas com seu proprio pae. Note-se bem: o velhote Faleiro reconheceu na filha a capacidade juridica para lhe entregar por lei aquilo que de justiça lhe pertencia. Mas isso que o pae lhe reconheceu, nega-lho agora um seu inimigo figadal!

2.º Testamento dos seus bens proprios, em 21 de novembro de 1910. Logo após a escritura de partilhas com seu pae, a D. Maria Caetano de Brito Gil dispoz dos seus bens em testamento, não sendo n'ele contemplado o sr. Domingos Soares.

3.º Testamento a favor do sr. Domingos José Soares. Como neste testamento só contemplava, ou só quasi contemplava o sr. Soares, é natural que ele achasse que a testadora tinha nessa altura o que lhe nega na altura do testamento que de balde tentará anular! Nessa altura tinha a D. Maria Caetano de Brito Gil espirito varonil e vontade propria, e não estava doente!!! Já é ser egoista!

4.º Testamento de 12 de março de 1912. Como neste testamento o sr. Soares ainda foi contemplado, a D. Maria Caetano de Brito Gil tinha todos aqueles predcados, mas logo no outro dia é no entender do sr. Soares e seus sequezes, tudo ella perdeu!!! Far-lhe-ia nessa altura o sr. Soares alguma junta medica, ou essa junta foi feita anteriormente para chegar á conclusão de que tudo lhe faltaria após o testamento? Mas não lhe negará todos esses predcados o sr. Soares, por ella ter tido realmente a audacia e o arrojo inaudito de o pôr fóra? Pois o sr. Soares enquanto conviveu com ella não lhe reconheceu defeito algum e só depois de a não ver, de ter sido por ella

de sombra de pezar a velar-lhe o brilho dos olhos formosissimos, que a sua pequenina irmã estava muito doente... que tinha uns terriveis ataques de tosse!...

Lamentamos. Que pena ser a doença da creancin a a causa daqueles passeios. Aquella hora melancolica do entardecer! Alegria e muito justificada, tinhamos sempre que nos encontravamos, é certo, mas, aquellas affições da pequenita ensombriavam nossas almas de tristeza e cortavam, muitas vezes, interrompendo bruscamente, a nossa conversação.

Muito discretos, os meus amigos deligenciaavam sempre ficar um pouco á parte e quando eu voltava para junto deles, eram sempre zombeteiros, quasi trocistas que me acolhiam repetindo:

«Ai Soledad! Soledad!»  
Eu ria... Achava-lhes infinita graça pelo errado juizo que formulavam daquelle meu idilio vespertino, com uma sombra linda que acompanhava uma creança com tosse convulsa...

E protestava, Chamava-lhes selvagens, comparava-os até a tantos outros cafes da praça branca, habituados á roça do balcão e cujo intelecto, avariado pelos esforços braçaes, não admite que se possa conversar com uma mulher sem intenções malevolas.

Por sua vez, eles protestavam. Oh! Eles não queriam ofender-me, mas sempre implacaveis e satanicos, chamavam-me feliz... muito feliz, confessando ter inveja de que uns olhos assim, tão lindos, tão negros, tão aveludados e meigos, se prendessem nos meus, embora por fugazes instantes!...

E eu tornava a rir daquela obstinação no disparate.

E eles opinavam então, que o meu ar de tristeza era um poderoso atrativo das imaginações ardentes e—felicidade das felicidades! das mulheres interessantes!

Não ha, diziam, como um espirito femenino—para apreciar coisas extravagantes.

Assim caminhávamos, todas as tardes, findo o passeio, para a cidade.

Lá da praia vinham rumôres de algazarra, gritos, gargalhadas...

Era com impaciencia que esperavamos o dia seguinte. Eles, ambos, desejosos de terem ensejo de repetir o seu estribilho favorito, eu, sempre dominado pelo vago receio de não mais encontrar á tarde, á volta, aquele grupo formado por tres senhoras e duas creancinhas... personagens autenticas daquelle meu idilio...

Em na primeira tarde em que deixei de encontrar aquella linda senhora, possuidora dos mais belos olhos negros que tenho visto, que o meu espirito alanciado soube comprehender toda a melancolia do singelo estribilho.

Triste, muito triste, como que falando comigo, é que murmurei, sob o dominio não sei de que estranho devaneo:

«Ai Soledad! Soledad!»

Lyster Franco.

JULIÃO QUINTINHA

Deu-nos o prazer da sna apreciavel visita nesta redacção o nosso presado amigo sr. Julião Quintinha, nosso illustre colega da Alma Algarvia e digno administrador do côncelho da Vila Nova de Portimão.

NO NOVO MUNDO

São extraordinariamente desenvolvidas e variadas as instituições beneficentes do novo mundo, tomando a parte mais importante da direcção delas as senhoras americanas. E' por isso que ali a beneficencia não só é prodiga e farta, mas tambem se reveste de aspetos encantadores que alegam a alma e revelam a fina e delicada comprehensão da vida humana.

Nada ha na Europa que se assimilhe á chamada Missão das flores americana.

E' uma grande associação de senhoras destinando-se a distribuir ramos de flores ás casas dos pobres, aos hospitaes, por toda a parte enfim. Esta associação tem delegações em todas as cidades e povoações suburbanas, as quaes todos os dias ou semanas enviam grandes remessas de flores para a casa da associação. E' ali que as senhoras da missão se reuñem em dias certos, e se occupam em arranjar os pequenos ramos que o cofreio transporta gratuitamente.

Grças a esta nova instituição benéfica, encontra-se em todos os azilos de velhos, de velhas, de creanças, em cima de cada meza, de cada commoda, em cada quarto, o pequeno ramo de flores das senhoras da missão.

Haverá quem julgue uma beneficencia pueril, que trata de sustentar este pequeno luxo em vez de se dedicar a alimentar e vestir os pobres. Acontece porém que as associações que se occupam da manutenção de milhares de desgraçados, contam-se aos centos e portanto a missão das flores vae apenas completar a obra dos outros; aqueles matam a fome e a sede, esta vem trazer um sorriso, despertar um sentimento de alegria aos pobres deserdados, que desconhecem de todo esses pequenos prazeres da civilisação.

Ellembrar-se a genie de que cá em Portugal tem tão poucos adeptos o culto das flores e não faltam selvagens em traveses de civilizados que destroem, implacavelmente os jardins publicos!...

CONTOS E NOVELAS

IDILIO VESPERTINO

Eu lembrára o estribilho, chegára mesmo a cantarola-lo, num entono repleto de melancolia romantica muito exagerada quasi gemida:

«Ai Soledad! Soledad!»

E eles, os meus dois companheiros naquelles passeios, á tarde, aos moinhos, na artistica espetativa de vê raparigas seminuas, tomando o seu banho, tinham-no honrado com uma adoção em forma.

Grças á interpretação extensissima a que se prestava o estribilho, tambem eles agora, ao avistarem alguma moça gentil ou que de longe o parecesse, cantarolavam, nuna ancia que parecia denunciar uma grande se de amor:

«Ai Soledad! Soledad!»

E, assim, aquella inofensiva mas galanteadora cosiumeira, ganhára fóros de habito inveterado.

Dia em que não fizemosos aquele passeio era para nós um dia triste, aziago, impertinente!

A um, amofinava-o a ideia de não contemplar, entre os confinados vaporosos da sua janela, em certa rua por onde tinhamos de passar, uma beldade judia, cujos olhos negros brilhavam como dois luzeiros ateados pelo demonio da Descrença, sempre pronto a tentar os melhores cristãos...

Ao outro, perdia-se-lhe muitas vezes a vista por entre a ramagem doida e labirintica de certo leño vermelho que, por sinal, emoldurava um rosio de uma oval perfectissima...

A mim, confesso, nenhum daqueles atrativos sorria.

Acompanhava-os pela conversação e especialmente para ter ensejo de ouvi-los falar dos ultimos acontecimentos.

Divertiam-me, é certo, as atitudes mais ou menos grotescas, que eles tomavam ao encontrarem no bando do mulherio que ia ou voltava do banho, alguma carinha amoravel, risonha e fresca...

Enão é que era ve-lo! Então é que era ouvi-lo! Com que entusiasmo, vezes sem conto, entre suspiros e com olhos em alvo, eles repetiam:

«Ai Soledad! Soledad!»

Pela minha idiosincrasia concentrada e tristonha, rebelde a expansões alegres, eu, embora tivesse posto em circulação o estribilho, já quasi o não entendia. Ouvia-o com indiferença.

Recreava-me, porém, com um prazer todo estatico, ver, naquellas pequeninas insuas, banharem-se as raparigas e as creanças, mergulhando numa agua que áqueia hora era de todas as cores esplendidas do ceo...

E as cenas a que assistiamos, sentados sobre os limos secos que revestiam o muro escalavrado, junto do casebre a derreir do velho banheiro, evocaram em mim vagas recordações de sonhos mitológicos, incios rituaes de uma lubricidade pagã, cojas praticas, suavemente o tempo houvesse apagado da minha memoria...

Semi-nuas, as mulheres, dançando dentro da agua que as estreitava primeiro pelas coxas para depois as cingir pela cintura, pareceram-me, muitas vezes, se-reias formosissimas a brincarem, alegres e descuidadas... E no ar circulavam risadas vibrantes, frescas, a casarem-se com o chapinhar fresco, cristalino, da agua prateada...

Outras vezes era o chorar birrento dos rapastos com medo á agua, a estrebucharem, a berrarem como possessos, que chegava até nossos ouvidos...

Riamos e o banheiro praguejava, agitando-se na agua como um grande monstro marinho:

—Raio de moços!

E a berraria continuava, forte, sonôra, vibrante, alegre, interrompida, ás vezes, junto de mim, pela circumstancia fortuita de ter incidido sobre qualquer dos meus companheiros o olhar gaíto e tentador de alguma das nereides, o que era o mesmo que convidá-lo á repetir, agora, como num hino de saudação á beleza nua das mulheres:

«Ai Soledad! Soledad!»

E assim caía a tarde, escurecendo tudo e pondo mais á vontade as raparigas timidas, já libertas dos olhares curiosos...

Então os meus amigos, impedidos de repetirem o seu estribilho favorito, tinham suspiros de desalento...

Voltávamos á cidade.

Quasi todas as vezes iamos encontrando pelo caminho diversos grupos de banhistas ou passéantes.

Entre os grupos havia um que, todas as tardes, a minha vista se habituára a ver com agrado.

Formavam-no tres senhoras e duas creancinhas, uma das quaes era a causa daqueles longos passeios vespertinos.

Passeavam-na para debelar-lhe a tosse convulsa que, em sufocações fortes, a affligia repetidas vezes.

Desde o primeiro momento em que vi aquele grupo logo me atraira o cuidado sollicito com que uma das senhoras—irmã da doentinha—a rodeava.

Quando nos aproximamos vimos que já eramos antigos conhecidos e logo perguntamos áqueia jovem de que soffria a creança.

Ela respondeu muito triste, uma gran-

trando que a democracia não é uma palavra vã.

Comentando esta transcrição, escreve a Republica:

«Como informação complementar diremos que o deputado aludido é sr. Henrique Cardoso que, desde que o sr. Cerveira de Albuquerque tomou posse do governo civil do Porto, se arvorou em verdadeira sombra de s. ex.ª. Não lhe saiu do gabinete e não o abandonava um momento sequer, quer quando s. ex.ª passeava, quer quando cunha e não sabemos até se enquanto dormia. Ninguém podia falar com o sr. governador civil a sós para tratar de assumtos politicos. E o que os deputados democraticos gemiam por tal açambareamento do governador civil feito pelo sr. Henrique Cardoso!»

E isto é o que nos infirmam do Porto.»  
Abstemo-nos de quaesquer comentarios, dada a gravidade do assunto.

MAIS NOTAS E COMENTARIOS

Comparações

Os jornalistas inglezes estranharam que nas cadeias de Portugal não existissem os castigos ou penas corporaes.

Na Inglaterra, esses castigos e penas vão desde as simples chicotadas aos horrores da forca.

Tambem na Hespanha existe o garrote e na França a guilhotina.

E ainda ha quem nos suponha menos civilizados do que os outros paizes!

Integridade colonial

Toda a gente sabe que os reacionarios, de mãos dadas com certos republicanos beras, passavam o melhor do seu tempo fazendo correr o boato do grande perigo que corria o nosso emporio colonial.

Todos eles, porém, ficaram de cara á banda, ao ouvir estas importantissimas declarações do sr. ministro dos negocios estrangeiros, feitas ha dias na camara dos deputados:

«Com o espreço assentimento dos gabinetes de Londres e Berlim, confirmo as declarações do meu illustre antecessor dr. Augusto de Vasconcelos, nesta casa do parlamento, na sessão de 15 de março de 1912, e faço ao meu paiz mais as seguintes e categoricas declarações:

1.º O governo inglez não pensou nem pensa em provocar ni aceitar qualquer conferencia internacional sobre assuntos coloniaes.

2.º O governo inglez reconhece que os seus sentimentos para conosco, seus aliados, não lhe permitiriam fazer qualquer tratado, convenção ou accordo de natureza analoga, que de algum modo afetasse a nossa soberania ou integridade e as nossas colonias.

3.º Não existe entre a Inglaterra e a Alemanha qualquer tratado, convenção ou accordo daquela natureza, nem quaesquer negociações pendentes nesse sentido.

4.º O governo alemão não se occupa da realisação de qualquer conferencia internacional para tratar de assuntos coloniaes, e repele a ideia de que haja pensado em afetar por qualquer forma os nossos direitos de soberania.»

Depois d'estas terminantes declarações do sr. Antonio Macieira, só resta aos reacionarios e aos seus amigos, os republicanos beras... inventarem, outra atoarda, porque esta está desfeita.

Renovação da historia

Na interessante conferencia realisada em Lisboa, no Instituto Lusitano, á rua do Olival, no grande sabio dr. Teofilo Braga parece ter dito que não ha relações de parentesco entre os portuguezes e os hespanhoes, de quem fundamentalmente diferimos em caracteres fisicos e em qualidades moraes e intellectuaes.

Pelo que se vê, os hespanhoes deixaram de ser nuestros queridos hermanos!

POETAS

TARDE

Alaranjadas nuvens vagarosas,  
Que vão manchando os limpídos espaços;  
Delineam ficções maravilhosas...  
Fulvos gigantes levantando os braços!

Nas arredadas praias salitrosas,  
Puxem-se as rédes Ovarinos laços  
Praguejam alto, e nas feições rugosas  
A colera viril risca-lhes traços!

O mar languidamente molha a areia,  
Como quem beija uma adorada coisa,  
E começa a engrossar em maré cheia.

Na cinzelada cupula da torre,  
Onde uma pomba fatigada poisa,  
O sol poente empalidece e morre!

NOITE

Na tela azul do ceo immaculado,  
Onde enchem-se pirilampus de ouro,  
A luz espalha o seu olhar maguado,  
Guardando triste o singular tesouro.

A viração suavissima do sul  
Passa, suspira, e suspirando passa...  
Foi n'uma noite assim, que o rei de Thule  
Ao mar lançou a sua amada taça!

Nada perturba a solidão calada...  
Invade a Natureza ardente e nua  
A sonolencia abertamente franca:

Por fim sucumbe, a adormecer prostrada...  
Enquanto que, no azul celeste, a lua  
Parece ainda uma camelia branca!

JOÃO SARAIVA.

ção destas, parece-me que poderão ser quatro vezes por semana, durante hora e meia cada preleção.

Fazendo votos para que os nossos esforços contribuam para a gloria do metodo, que ainda não foi excedido, nem talvez o será, cumpre-me, mais, solicitar de v. ex.ª sempre que possa, a sua assistencia ás preleções.

Deus guarde a v. ex.ª.—Faro, 27 de outubro de 1903.—Il.º e ex.º sr. sub-inspector do circulo escolar de Faro.—A professora da escola distrital de habilitação para o magisterio primario em Faro, Iuacia Ludovina Anes Baganha Leal.

A sr.ª D. Inacia Baganha Leal, acedendo ao pedido formulado, realison uma serie de notaveis preleções, que foram muito concorridas e apreciadas. E fe-lo gratuitamente, como gratuitamente habilitou inumeras pessoas pelo maravilhoso metodo.

Muito grave

Dissolução do partido democratico de Gondomar

Do Primeiro de Janeiro de 20 do mez passado, transcrevemos esta curiosa noticia:

Reuniram no domingo transato em S. Cosme de Gondomar, na sede da comissão municipal, esta comissão, conjuntamente com as comissões parquieas e grande numero de republicanos de todo o concelho, para protestarem contra a nomeação do sr. Eduardo Lopes para administrador de Gondomar, visto essa nomeação ser contraria ás indicações feitas pelas comissões ao sr. governador civil.

Quando o governador civil tomou posse, as comissões foram ao governo civil cumprimentá-lo e, tendo-se off-recido ocasião, iniciaram o cidadão dr. José Barbosa Ramos, para administrador de Gondomar, conforme as comissões por unanimidade tinham escolhido em renhio anteriormente realisada e á qual tinha assistido o membro do directorio sr. Dr. Pereira Osorio. O sr. governador civil prometeu tomar em consideração a indicação feita pelas comissões e dias depois, voltando estas ao governo civil a saber o que havia, disse-lhes o sr. Cerveira de Albuquerque que seria bom reunirem e escolherem outro cidadão, pois como o dr. Barbosa Ramos era funcionario dependente do ministerio da Justiça, receava que lhe não fosse dada authorisação para vir em comissão exercer o cargo de administrador, e como ele não queria impur ninguém ás comissões politicas e para no caso do dr. Barbosa Ramos não poder ser nomeado, indicarem outro que escolhessem.

Retiraram-se as comissões e telegrafaram ao ministro da Justiça pedindo que authorisasse o dr. Barbosa Ramos a vir em comissão exercer o cargo de administrador e, em resposta, o ministro telegrafou dizendo que procuraria dar solução favoravel ao pedido feio.

Qual não foi pois o espanto das comissões, quando viram nos jornaes a noticia da nomeação do cidadão Eduardo Lopes, acerca da qual não tinham sido ouvidas!

Estava pois confirmado o boato chegado aos ouvidos das comissões de que nos poucos de republicanos portuenses e entre elles um deputado que muito frequentava agora o governo civil, queriam nomear para Gondomar um administrador escolhido por elles, embora isso seja tudo menos democracia, como democratica não foi tambem a attitude do sr. Cerveira de Albuquerque.

Dois representantes da Comissão Municipal procuraram no mesmo dia o sr. governador civil a quem manifestaram o seu descontentamento pela desconsideação feita aos republicanos de Gondomar, expondo o quanto isso poderia prejudicar a Republica em Gondomar, respondeu um pouco autoritariamente, dizendo que as comissões não podiam ser ouvidas para tudo e que as comissões fizessem o que entendessem, ao que os representantes da Comissão Municipal retorquiram que o partido reuniria para protestar contra a desconsideação feita e que se dissolveria se a nomeação feita não fosse sustada.

Na reunião magna de domingo foi proposto telegrafar ao ministro do Interior, dr. Afonso Costa e Directorio protestando contra a nomeação feita e pedindo para serem atendidas as comissões, continuando reunidas em sessão permanente até terça-feira á noite e caso não fossem atendidas se dissolvesse o partido, comprometendo-se todos os presentes a não assistirem á posse do novo administrador e a não desempenharem cargo algum de autoridade, desde que não fosse nomeado outro administrador de accordo com as comissões.

Esta proposta foi aprovada por unanimidade e para garantir o seu cumprimento foi assinada por todos os republicanos presentes.

Reunidos terça-feira á noite, como não houvesse resposta alguma aos telegramas, foi aprovada uma moção votando a dissolução do partido.

Dissolvido o partido, e em conformidade com as resoluções da assembleia, vimos á imprensa dar conta destes trabalhos e unidos para a defeza da Republica, os republicanos de Gondomar aguardam que lhes seja feita justiça, demons-

corrido, é que compreendeu (e aqui começa o sr. Soares a deitar lagrimas) que era creatura doente, sem vontade propria, escriptor fraco e sem instrucção!!!

5.º *Acitação de uma letra;* 6.º *Escritura de arrendamento.* No dia 31 de julho de 1912 e antes de partir, no mesmo dia, para Lisboa, fez a D. Maria Caetano de Brito Gil, perante o notario uma escritura de arrendamento da sua casa da Alagoa, ao sr. Joaquim Neves. Não assistimos a ela, mas não nos impede isso de perguntar: Não seria ainda por sua vontade propria? Seria isso o resultado do espirito fraco? A doença então já seria a valer? E que nos diz o sr. Soares (examinador) da instrução da D. Maria Caetano de Brito Gil (examinada)?

*E incidentalmente perguntaremos ainda: ao fazer a doente essa escritura, não mostrava já que o sr. Soares havia perdido por completo qualquer pequena atenção que lhe tivesse despertado? E seriam nós quem tal determinou, ou seria a sua carta, cheia de ameaças?*

O sr. Soares, ao escreve-la, até se elevou á categoria de bacharel! Não acha? Se assim o não compreender nós o demonstraremos.

7.º *Testamento de 19 de agosto*, em que faz nuas ligeras modificações ao anterior. E' este o testamento contestado! Aqui está o grande e horrivel crime! Nesta altura já a D. Maria Caetano de Brito Gil era doente, sem força de vontade, um espirito fraco e sem instrucção!!! Nós só pasmamos e comosco toda a gente de bem, ante o arrojo de tal affirmacão, feita pelo sr. Soares, o mesmo sr. Soares que ha muito não via aquela senhora por ela o ter posto na rua!!! Bem se vê que a D. Maria Caetano tinha perdido toda a instrucção, que o sr. Soares lhe havia dado e reconhecido ao comtemplar-lo! Aquilo era o sinal de não ter vontade propria!!!

8.º *Escritura de doação*, tambem de 19 de agosto. A situação da doente estava perto do ocaseo, estava quasi a apagar-se! Não admira, visto que, ao que parece, lhe faltavam as luzes do sabio! E' certo, porem, que, ainda nessa altura ela dava ordens na Casa de Saude para lá não deixarem entrar o sr. Soares, e pedia ao Diretor da mesma Casa, dr. Gomes de Amorim, que puzesse fora do seu quarto, dela, um parente do mesmo sr. Soares, que ali se havia introduzido para insultar a doente.

Mas que falta de...força de vontade, que timidez de espirito!!!

9.º *Procuração* de 16 de dezembro de 1912, para exigir do sr. Soares a prestação de contas. Passava-se isto doze dias antes de falecer, e não foi intentada a questão por comecarem as festas da Família. Veja o sr. Soares que ainda nesta altura a D. Maria Caetano tinha a vontade propria para lhe exigir o que com calculos se recusou a prestar-lhe.

*São estes os documentos officiaes em que interveiu a D. Maria Caetano juntamente com os principaes interessados, (que são muitos), com os notarios ou seus ajudantes e com as testemunhas em numero de trinta!*

Ninguém, em vida da D. Maria Caetano, poz em duvida que ela tivesse vontade propria e intenção sufficiente para intervir em todos esses assuntos, como em outros. Ninguém, absolutamente ninguém! Foi preciso que ela morresse, para que um individuo que ela poz fóra de sua casa viesse duvidar da inteireza das suas facultades, havendo demais a mais a agravante da premeditação! Tome nota o sr. Soares e muita gente o sabe, pela boca da propria D. Maria Caetano, que o sr. já a ameaçava de levantar questão aos seus herdeiros.

Ao que se vê, o sr. Domingos Soares é duma grande moralidade. Quando lhe convem, a D. Maria Caetano tinha vontade propria, quando lhe não convem retira-lhe essa facultade; umas vezes, acha-a com espirito, de pélo na venta, para logo dizer, quando lhe não convem, que era um espirito fraco! A sua instrucção, essa anda aos pontapés do sr. Soares!

Mas o sr. Soares só chega á conclusão, de que a D. Maria Caetano era uma doente, quando fez o testamento e a doação em Lisboa!!!

Para completar, bastará que o sr. Soares chame em seu auxilio, quem só teve conhecimento da enferma antes dela fazer o primeiro testamento em vigor. Então é que o sr. Soares dá no vinte e chega por certo á conclusão de que o testamento a anular deve ser o primeiro e não o segundo. Não acha?

Nós só desejamos ser-lhe franco; por isso lhe dizemos que veja se consegue demonstrar que a D. Maria Caetano, ao fazer o testamento que convem ao sr. Soares, tinha um espirito varonil e vontade propria, que não estava doente e tinha instrucção, e que 5 mezes, depois isto é, quando fez o outro testamento, que não convem ao sr. Soares, se dava exatamente o contrario de tudo isto.

E' vá lá tomando nota o sr. Domingos José Soares, de que não é com mentirozas, nem moralidade de funil, que se vai deitar por terra a ultima vontade da D. Maria Caetano de Brito Gil, para ser agradável e util a um individuo, que é o sr. Soares, a quem ela, por graves, gravissimos fatos, que contava a toda a gente, fatos que nós relatamos, votava o

maior desprezo e horror!!! Lançando-lhe na cara o que lhe lançou, pando-o na rua da sua casa da Conceição, e passando-lhe um mandado de despejo da sua casa de Tavira, dando ordens terminantes para o não deixarem aproximar-se-lhe, tanto em Lisboa como na Conceição, o sr. Soares devia compreender o seu pecado e calar-se. Era isso o que lhe competia fazer, se por ventura se conhecesse. Mas quer tripudiar sobre uma coisa sagrada. Pois vá tripudiando até que dentro em pouco reconheça o erro.

Tavira 27 de Fevereiro de 1912.

Antonio Francisco de Sousa.

**Puericultura**

**Como se cria uma creança VII AS AMAS**

Dos vinte aos vinte e cinco anos está compreendida a melhor idade que deve ter uma boa ama de leite.

Convem que seja sadia, robusta sem ser obesa, e isenta de todas as táras sifiliticas e escrofulosas.

Devem ser preferidas as que possuam dentes saos, peitos medianos e um leite branco-azulado e transparente.

E' escusado accentuar que as mulheres coloricas, tristes, distraidas, não asseadas, ou dadas á embriaguez, não servem para amas de leite.

A mãe, que entregar seu filho aos cuidados de uma outra mulher, deve exercer a maior vigilancia e lembrar-se de que a maior parte das amas, não dedicando ás creanças que lhes são confiadas a afeição que só os paes lhes podem tributar, não dispensam aos inocentinhos os cuidados e o carinho do que eles carecem, fornecendo-lhes muitas vezes alimentação artificial e preparando-lhes assim, criminosamente, uma vida cheia de sofrimento.

Toda a mãe que delibere tomar ama para seu filho deve, antes de tudo, mandá-la inspecionar por um medico de confiança e, depois de adquirida a certeza de que se encontra nas condições de poder amamentar a creança, insiala-la em sua propria casa, para assim poder exercer sobre ela a mais rigorosa fiscalisação.

A ama deve ser autorisada a sair algumas vezes, mas sempre acompanhada por pessoa de confiança, quando não possa ser pela mãe da creancinha.

Esta pratica é salutar e muitas vezes diatrac a mulher encarregada da criação que, a principio, devido á mudança de habitos e de regimen, entristece e produz menos leite, deficiencia esta que, após os passeios e as distrações, desaparece por completo.

Se depois de empregados estes meios o leite continua escaseando, é preciso chamar o medico, porque pode tratar-se de uma doença e, em taes casos, é indispensavel separar a creança da ama.

As mães devem vigiar pelo rigoroso acao das mulheres a quem confiaram a amamentação de seus filhos, porque disso depende a boa saúde não só da ama como tambem da creança.

E' um erro gravissimo dar de mamar aos pequeninos sem regularidade.

A creança deve mamar a horas certas aliás produzir-se-á a infeção digestiva e a creança *bolsará* tornando-se doente.

Para que a digestão se faça em boas condições, a creança, nos primeiros mezes, deve mamar, apenas, de duas em duas horas.

A ama deve fazer uso de alimentos substanciaes e de facil digestão e para que isto possa ser convenientemente observado, devem os donos da casa senta-la á sua meza.

A mistura de alimentos animaes e vegetaes, caldos, farinhas, etc, eis o que mais convem a uma ama.

As bebidas alcoolicas são muitissimo prejudiciaes ás creancinhas, quando as amas as tomem.

O alcool ingerido por estas não se transforma por completo, indo encontrar-se, quasi sem modificação, uma parte importante no leite, que produz, depois, nas pobres creanças, crucis e graves soffrimentos.

Os vinhos generosos, a cerveja e os licores tambem não se devem dar ás amas de leite.

As mulheres a quem tenha sido confiada a amamentação de uma creança devem usar com muita moderação dos acidos e dos vegetaes crus, como saladas, que tem propriedade de diminuir a secreção do leite.

Egualmente devem evitar as paixões tristes ou violentas, que dão sempre ao leite qualidades nocivas.

Quando a mãe ou a ama sofrer alguma emoção forte, deve deixar passar uma ou mais horas sem amamentar.

Logo que a secreção do leite comece a diminuir, devem as amas fazer uso de alimentos muito substanciaes, abstenendo-se, por completo, de acidos purgativos.

Se estes meios não derem o resultado desejado, convem desmamar a creança, ou mudar de ama.

As amas occultam muitas vezes a falta do leite, mas esta é denunciada pelo em-

grecimento progressivo da creança, pelo seu choro sentido ao tirar-se-lhe o peito da boca e pela avidez com que procura chupar qualquer coisa que lhe vá á mão.

Tambem os *sapinhos* são um indicio da falta de leite da ama.

Se a ama começar a emagrecer e se queixar de dores nas costas, acompanhadas de tosse secca, é mister tirar-lhe a creança.

As inflamações do seio e as molestias acompanhadas de febre, alteram e corrompem o leite e, por consequencia, logo que se manifestem, deve suspender-se a lactação.

**POR ESSE ALGARVE**

Estoi Cbgararam a esta aldeia pelas 17 horas do dia 25 os excursionistas inglezes.

Erarn acompanhados por alguns cavalheiros de Faro e esperados aqui com muita anciedade e alegria por muito povo.

Assim que se avistaram os automoveis subiram ao ar muitas girandolas de foguetes.

Os excursionistas visitaram as ruinas dos Milreit e dirigiram-se depois ao jardim e palacio do sr. Visconde, onde lhes foi oferecido um copo de agua, e d'onde apreçaram o deslumbrante pavorama desta linda e pitoresca aldeia, que dizem ser o jardim do Algarve.

As meoínas daqui ofereceram-lhes lindos ramos de flores.

Pelo sr. Luiz de Mendonça Gaziba foram-lhes oferecidas muitas garrafas de vinho, e postaes com as fotografias desta aldeia.

Retirando-se do palacio do sr. Visconde, percorreram as principaes ruas desta aldeia, vendo-se nessa ocasião algumas sr.ªs alirarem-lhes flores.

Uma senhora ingleza fotografou as bicas do «Largo da Igreja»; e em seguida retiraram-se em automoveis para Faro.

Retirou-se para Quareira, a fim de reassumir as funções do seu cargo, a sr.ª D. Maria San'Ana Flores, mui digna encarregada da estação daquela aldeia; acompanhada sua tia sr.ª D. Mariana Amalia Vieira.

Tencionam fazer aqui com grande pompa a festa da arvore.

**NOTICIARIO**

Foi nomeado, provisoriamente, escriptorio encarregado da catalogação e ajuntante de conservador do musen botanico da faculdade de ciencias de Lisboa o nosso prezado amigo e correligionario sr. Lazaro Parreira de Oliveira, brioso sargento de infantaria 4.

Na primeira dezena de janeiro ultimo o caminho de ferro do Sul e Sueste rendeu 47.460.260 reis, mais 6.032.000 reis que em igual periodo do ano passado.

Vae ser ouvido o conselho superior de obras publicas acerca do projectado alargamento da ponte sobre a ribeira de Odeleoaça, no laço da estrada de Silvés ao porto de Lagos.

A obra está orçada em 10.570.000 reis.

O Banco de Portugal resolveu não fazer mais pagamentos em notas de 20.000 reis e vae recolher as que andam em circulação, visto ser grande o numero de notas falsas dessa importancia, que circulam.

Vae ser nomeado para proceder aos estudos lacaes que leem por fim o inicio dos trabalhos de farolagem na costa de Moçambique o capitão de fragata sr. D. Bernardo da Costa Mesquita.

Consta que vae pedir a renuncia de senador o capitão tenente sr. Tito de Moraes, capitão do porto de Setubal.

Esteve nesta redacção o nosso estimavel assinante sr. Joaquim Barbara Ricardo, de Almacil.

Vimos em Faro os nossos amigos José Vicente de Brito Junior, Manuel Antonio Fries Junior e as sr.ªs D. Maria da Luz Pires e D. Maria das Dores Pires, de Almacil.

Tambem vimos o nosso amigo José Martius Cardoso, de Boliqueima.

**CARTEIRA**

Fazem annos: Amanhã domingo—D. Luiza da Piedade Vieira, D. Maria Rosa Gonçalves, D. Antonia da Conceição Barros, D. Augusta Rodrigues Gomes, Manuel José Macias, José Antonio Olivá, Matias do Carmo Ramos e o menino Antonio Miguel Rocheta.

Segunda, 3—D. Maria das Dores Aboim de Azevedo Coutinho, D. Clara Sietivo Afonso Romera, D. Luiza de Ataíde Pereira, D. Miquelina da Conceição Pootes, D. Augusta Maria Pereira, José Antonio Campos, Francisco Xavier Moreira, Antonio Augusta Ferreira, José Manuel da Silva, Constancio da Costa Oliveira e o menino Adelino Hemiterio da Palma Carlos.

Tercça, 4—D. Mariana dos Santos Ponte, D. Lucia Augusta Rodrigues, D. Guilhermina de Brito, D. Adelaide da Conceição Pares, D. Elisa Pereira Madeira, Antonio Marcos Vieira Correia, João José Vinagre, Manuel Bento Valerio, Joaquim Matias Borges e Francisco Paulo Correia.

Quarta, 5—D. Jesuina Falcão Trindade, D. Amelia Antunes Anderson, D. Luciana da Piedade Correia, D. Maria Amélia Angelino, D. Luiza Augusta Romera, Antonio de Sousa Caraca, José Viegas Ramos, Manuel Gonçalves Gomes, João Antonio Pacheco e Joaquim Pedro Correia Simões.

Neurologia: Faleceu em Coimbra o sr. dr. Albano de Melo, antigo director geral dos negocios ecclesiasticos e deputado progressista.

Faleceu em Monte Videu o sr. dr. José Calmon Salhaba da Gama, que foi consul do Brazil no Porto e a quem os jesuitas pretenderam raptar uma sua filha, completando a luctuosidade, quando num domingo ella ia ouvir a missa de uma hora na igreja da Trindade, fato que ha dezo annos alarmou extraordinariamente a opinião liberal.

**SAPATARIA DA MODA**

DE

**José Vicente dos Santos**

Grandioso sortimento de calçado em todos os generos e qualidades, e demais artigos respeitantes á sua arte

Modelos chics de inexcédível bom gosto. Suprema elegancia e barateza Esmerada confeção e bom acabamento

Rua de Santo Antonio, 48, 48, A.

**FARO**

**Arrematação**

(2.ª publicação)

No dia 9 do proximo mez de março, pelas doze horas, á porta do tribunal judicial d'esta cidade, se hade pôr em praça e arrematar a quem mais der sobre a sua avaliação o seguinte predio, pertencente á executada Emiliana Rita, viuva, comerciante e proprietaria, residente em Faro. Uma morada de casas terreas na travessa do Pé da Cruz, freguezia da Sé, d'esta cidade, com o n.º 35 de policia, que consta de casa de fóra, quarto, cosinha, dois sotãos e quintal, avaliado na quantia de 400\$000 réis.

Por este mesmo annuncio ficam citados quaesquer credores incertos para assistirem, querendo, á arrematação.

Faro, 17 de fevereiro de 1913.

O escrivão,

José Joaquim Peres.

Verifiquei.

O juiz de direito,

Dias Ferreira.

**CANDIDO DE SOUSA**  
Fornado pela Escola de Lisboa e com os cursos especiaes de Higiene, Oftalmologia e Radiologia  
CLINICA GERAL, OPERAÇÕES  
Especialidades: Doenças dos olhos, boca e dentes  
Dentes artificiaes  
CONSULTAS TODOS OS DIAS, EXCETO AOS DOMINGOS  
RUA DE SANTO ANTONIO, 6  
FARO

**Atenção**

**Por motivo de retirada para Lisboa**

Vende-se por preços convidativos o seguinte: —Mobilia de sala, estilo Luiz XV; de casa de jantar, estilo Henrique II; de quarto, em nogueira de polimento; cadeiras e sofás de verga; uma maquina de costura; vidros e louças; uma secretaria á ministro; e respetiva cadeira, de pau santo; um cofre á prova de fogo; um piano, um predio de casas na rua Camões, com o n.º 19; uma outra casa em Estoi; um mylord; uma magnifica parrelha de cavalos. Tambem se passam algumas escrituras de hypothecas.

Quem pretender dirija-se á rua Carlos da Maia, 17 em Olhão.

**AUTOMOVEL NOVO**

Aluga-se. Trata-se com Armand Ignacio Pires. Rua Primeiro de Dezembro 52—Faro.

**Vinhas, vinhos e prados**

A. VENANCIO PACHECO Br. 600 reis.

**A MODA DE PARIS N.º 9**

PRIMAVERA E VERÃO DE 1913

**MIL FIGURINOS MIL**

Grande livro para senhoras e creanças! E' escusado recomendá-lo, para se ficar sabendo que não ha melhor nem mais chic, nem mais barato. Pela quantidade de figurinos que contém, bate o record de todos os livros do seu genero. Este livro teve em Portugal a extraordinaria tiragem de 5.000 exemplares. Encerra mil figurinos. Basta isso para se poder avaliar da sua utilidade. Todas as senhoras e modistas poderão n'ele encontrar um grandissimo sortido de modelos de todos os generos (passeio, recepção, luto, caça, sport, amazonas, teatro, roupa branca etc.) Cortam-se moldes por qualquer figurino, com a maxima brevidade (em menos de seis dias) e por preços excecioneis (desde 650 reis)

Todos os pedidos devem ser acompanhados da sua importancia, em vale de correio ou carta registada.

Quem pretender dirija-se ao agente

**ANTONIO DOS SANTOS CAPELA**

Rua da Marinha n.º 15—FARO.

**EMPREGADO**

Precisa-se com boa apresentação e referencias. Bom ordenado. Leitaria Central—FARO.

**AS ARVORES**

Acabamos de receber o livro intitulado *As Arvores*, livro organizado pela Educação Nacional.

*As Arvores* contem versos dos principaes poetas portuguezes e brazileiros, todos consagrados ás arvores. E' o mais belo ramallete de versos que sobre as arvores se tem feito em Portugal.

Basta dizer-se que *As Arvores* trazem versos de Guerra Junqueiro, Casimiro de Abreu, Arnaldo Barreto, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, José Agostinho, Antonio Feijó, Conde de Monsaraz, Basilio de Magalhães, Julio Brandão, Vidal Oudinot etc., etc.

E' um livrinho encantador e que arualmente não pode ser dispensado pelas crianças.

Compeite aos professores fazer uma larga propaganda das *Arvores*.

Este livrinho custa 100 reis, na Livraria Lopes & C.ª—Porto, e nas principaes livrarias.

Aconselhamos tambem, para a festa da Arvore, os seguintes livros: *As Plantas*, de Higinio Lagido; *A Arvore*, de José Diogo Ribeiro; *A Natureza*, de Vidal Oudinot, livros que se encontram na Livraria Portuense de Lopes & C.ª—Porto.

**CHAVES**

Estão depositadas nesta redacção umas chaves de cofre, achadas por José Valentim da Costa e que serão entregues a quem provar que lhe pertencem.

**ANUNCIO**

Arrenda-se uma propriedade com regadio e sequeiro denominada a *Corte*, no sitio dos Juncaes, freguezia de S. Braz de Alportel. Para tratar, com José Mendes Pinto, de Santa Barbara de Nexe, sitio dos Gorjões.

**Dinheiro a juros**

Quem pretender dirija-se a D. Joaquina Leal Guerreiro. Rua Infante D. Henrique 147—Faro.

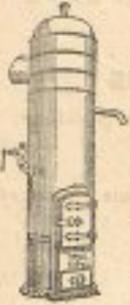
# LATOARIA PONTE

Sucessor de JOÃO F. X. da SILVA REIS

CASA FUNDADA EM 1898

R. Conselheiro Bivar, 3—Avenida da Republica, 2

FARO



Especialidade em esquentadores para banho, em cobre polido, sistema francez, o melhor, mais economico e perfeito que até hoje tem apparecido. Manufatura de gazometros e candieiros para gaz acetilene, dos mais praticos e perfeitos. Encarrega-se da montagem dos mesmos em qualquer terra da provincia.

Especialidade em bombas de todas as qualidades as quaes se vendem pelos preços das fabricas.

Instalações completas para agua, em tubo de chumbo ou de ferro.

Especialidade em autocismos inglezes em ferro fundido, sem valvula, de oleito seguro.

Especialidade em ferras de soldar a gazolina, sistema allemo, o melhor e de maior resistencia até hoje conhecido.

Torneiras de latão de todas as qualidades, folha de flandres, zinco, ferro zinco, tubos de chumbo, de latão e de ferro, em todas as grossuras, latão e cobre em folha. Estes artigos vendem-se a retalho ou em quantidade, a

PREÇOS SEM COMPETENCIA

A ROUPA QUE VESTE A HUMANIDADE FOI COSIDA COM A MACHINA SINGER



A SUPREMACIA DA MACHINA SINGER

tem sido sustentada e augmentada durante quarenta annos e na actualidade passam de

DOIS MILHÕES DE MACHINAS SINGER as que se fabricam e vendem annualmente

A ULTIMA CREAÇÃO EM MACHINAS PARA COSER

SINGER "66,"

QUE REPRESENTA O RESULTADO DOS CONSTANTES ESFORÇOS EMPREGADOS DURANTE CINCOENTA ANNOS PARA MELHORAR AS MACHINAS PARA COSER, REUNINDO-LHES QUANTOS APERFEIÇAMENTOS POSSEM SER DE UTILIDADE PRATICA



Estabelecimentos SINGER em todas as cidades de

RUA D. FRANCISCO GOMES, 33 FARO

# PORTUGAL-PREVIDENTE

Companhia de Seguros

CAPITAL 1.000.000\$000

SEGUROS DE VIDA (TODAS AS COMBINAÇÕES)

Seguros contra fogo

Seguros maritimos

Seguros de cristais

Seguros contra roubo

Seguros postaes

Seguros agricolas

AGENCIAS EM TODO O PAIZ E COLONIAS

Sede—Rua do Alecrim, 10—LISBOA

AGENCIA EM TAVIRA

PHARMACIA CUNHA 181

HOTEL MARCELLINO & ALGARVIO

PROPRIETARIOS

JOSÉ MARCELLINO & TAXINEIA

RUA DA PADARIA, 52 58—LISBOA

Comida e cama a 800 e 1\$000 rs. Camas a 200 e 300 rs

Biblioteca de Educação Nacional

AS MENTIRAS CONVENCIONALES DA NOSSA CIVILISAÇÃO  
A PSICOLOGIA DAS MULTIDOES

## O QUE É O SOCIALISMO -- O ANARQUISMO

LEIS PSICOLOGICAS DA EVOLUÇÃO DOS POVOS -- CRISTO NUNCA EXISTIU

AVULSO—cada volume brochado 200 réis e encadernado 300 réis.

## Tipografia Democratica

RUA 1.º DE DEZEMBRO -- FARO

N'esta casa, aberta recentemente, imprimem-se com a maior perfeição e brevidade, e por preços excessivamente baratos, todos os trabalhos tipograficos, taes como: faturas, memorandos, prospectos, bilhetes de visita, modelos de repartições, folhetos, rotulos de farmacia, etc., etc., etc.

IMPRESSÃO DE

### LIVROS E JORNAES

Neste estabelecimento, que é sem duvida o melhor do Algarve, encontram-se á venda varias qualidades de papel de carta, quer ordinario quer de luxo, papel de officios, cartonado, almapço, etc., tambem por preços

SEM COMPETENCIA

ESPECIALIDADE EM PAPEIS TIMBRADOS E PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO

CONDICÕES DE ASSINATURA (Pagamento, adiantado)  
Portugal e Colonias (Um ano) Porto, 1\$440 réis; Provincias, 1\$500 réis avulso, 120 réis.

Brazil (moeda forte) (um ano) Pelo correio, 1\$700 réis.  
Para venda avulsa, o preço é fixado pelos nossos correspondentes

ARTE Revistas litteraria e scientifica: de que é Director

MARQUES ABREU

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua de S. Lazaro, 310 -- PORTO

LABORATORIO DE FARMACIA

## BANDEIRA & RAMOS

DIRECTORES PROPRIETARIOS — FARMACEUTICOS PELA ESCOLA DE LISBOA

SUCESORES DA ANTIGA FARMACIA PIRES

FUNDADA EM 1805

RUA D. FRANCISCO GOMES, 40, 42 E 44

FARO

Fornecimento para Farmacias, Hospitales e Laboratorios

Tisana de Zittmann, formula modificada do dr. Constantino Cumano

Unicos agentes depositarios no Algarve das

AGUAS DE VIDAGO: — (Vidago, Vidago n.º 2 e Sabroso)

AGUAS DE S. VICENTE (Entre os Rios), DA CURIÁ E DE VERIM (Espido)

PREÇOS MODICOS

EXTRATO HEROICO (Extrato fluido de origem vegetal)

Preparado pelo pharmaceutico Antonio Cardita  
O extrato heroico n'ho é toxico e tem uma notavel acção hemostatica, sendo simultaneamente, um poderoso anti anorexico e tonico geral. E', por isso aconselhada não só aos tuberculosos, como aos anemicos, neurastenicos aos que sofrem da falta de appetite e aos debilitados por enfermidades prolongadas.

Aos revendedores e maiores compradores concedemos, quanto ás aguas, o mesmo desconto que dão os depositos de Lisboa, ficando a cargo do comprador o frete e o porto do caminho de ferro, que são, respectivamente, 80 réis 240 réis por cada caixa, desde Faro a qualquer estação até Villa Real de Santo Antonio ou Villa Nova de Portimão; despeza esta consideravelmente menor do que vindo as aguas directamente de Lisboa, pois n'esto caso regula por 1000 réis.  
Requisitando-as do nosso deposito, ha tambem a vantagem de se receberem quasi de um dia para o outro; e da não menos importante circumstancia da redução da despeza resulta poderem-se vender ao publico, em qualquer ponto do Algarve, pelos preços de Lisboa.

A SIFILIS É EVITAVEL

COM A POMADA HERMESIL

Preventivo contra as doencas venereas, ainda que empregado 5 horas depois do coito suspeito.

IMPORTAÇÃO DIRECTA

de artigos de Farmacia, Drogaria e Fisiologia, de sua vasta casa rotulados — Grande deposito de especialidades, preparos e artigos de farmacia, objectos de horticultra, castanhas, fundas, impalpáveis, canellas e perfumarias

## LIVRARIA DAS NOVIDADES

DE ANTONIO DOS SANTOS CAPELLA

AGENCIA DE PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

RUA DA MARINHA N.º 15 -- FARO

Fornecimento completo de livros necessarios em todos os collegios e liceus

## Tinturia Lisbonense

ALBINO AUGUSTO

TINTUREIRO

Chegado ha pouco de Lisboa, onde durante 18 annos exerceu a sua profissão, tendo sido mestre de varias tinturarias d'aquella cidade, encarrega-se de tingir seda, lã e algodão em todas as cores, tingem-se capas de borracha pelo systema allemão, peles, roupas d'homem e vestidos de senhora sem que seja preciso desmanchal-os. Fazem-se lavagens especiaes em vestidos, falos e luvas, assim como lavagens a seco em toda a especie de roupas.

Tinge-se tambem fazendas em peça e fio lava-se lã para co'chões, executam-se, emfim todos os trabalhos de tinturaria com a maxima perfeição e rapidez. Todas as roupas, por mais usadas, que sejam, ficam perfeitamente novas.

Examine-se a côr no ato da entrega e se distinguir, restitui-se a importação.—Preço para info em 48 horas

UA CASTILHO, 53-A -- FARO

## F. S. SILVEIRA

ANTIGA CASA VIUVA SERZEDELO

Drogas e produtos quimicos, para farmacia e industria

IMPORTAÇÃO DIRECTA

16 -- RUA DOS REMOLARES -- 18

LISBOA